

## Contestado: uma guerra organizada na religiosidade

Catiúscia Alves Reynaud<sup>1</sup>

AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: A organização da irmandade cabocla*. 5. Ed. Rev.- Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

O livro *Guerra do Contestado “A organização da irmandade cabocla”* foi lançado pela primeira vez em 1984, tendo posteriormente mais cinco edições, com a última lançada no ano de 2015 pela editora da UFSC, ano da comemoração do centenário da Guerra do Contestado (1912-1916). Vale ressaltar que todas as edições do livro seguiram fielmente o contexto da versão original, apresentando modificações apenas nas suas capas.

Este livro nos mostra o resultado de um trabalho belíssimo que demandou muitos estudos e pesquisas da professora doutora Marli Auras, que dedicou anos de sua vida acadêmica a estudar e compreender a vida dos caboclos na guerra do contestado. Foi o seu mestrado em Filosofia da Educação, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que fez com que a autora se dedicasse aos estudos do Contestado, trabalhando em sua obra, a vida do homem caboclo com uma visão Gramsciana.

Foi na irmandade cabocla norteadora de todo um povo, que a autora se debruçou e conduziu seus estudos, para buscar nessa irmandade a criação de uma visão de mundo que traçou o destino de muitos homens e mulheres ao longo da Guerra do Contestado. Podemos perceber na leitura do livro, como essa articulação dos caboclos se fortaleceu nos discursos religiosos e caminhou nessa jornada bélica, por quatro anos, afirmando brutalmente seus direitos e resistindo aos avanços capitalistas. Um povo que empoderou-se, construindo suas próprias identidades e protagonizando sua história. A obra é destinada a todos os leitores que desejam entender esse período belicista da história do sul do país. O título do livro já nos apresenta a ideia central dessa obra na qual a autora trabalha a organização da irmandade cabocla com uma especificidade pedagógica embasada nos textos do filósofo Antonio Gramsci. Nele é possível observar as relações de poder entre os caboclos e as forças vigentes daquela sociedade, onde os sertanejos contestavam suas terras e reivindicavam seus direitos sociais, em contrapartida, recebiam como resposta, uma guerra armada, por parte do poder Republicano. A maneira da qual os caboclos se articularam e criaram os redutos que posteriormente seriam às ‘Cidades Santas’, onde eles viviam e se relacionavam.

---

<sup>1</sup> Acadêmica de graduação de História na Universidade Federal de Santa Catarina. Email: [Catiúscia\\_oliveira@yahoo.com.br](mailto:Catiúscia_oliveira@yahoo.com.br)



O livro nos traz essa relação fraternal da irmandade, sendo essa a especificidade pedagógica da qual a autora trabalha em sua obra. Essa especificidade vinda de um discurso religioso e de mentalidades fundadas em uma fé rústica, que foram sendo alimentadas pelos monges católicos que também fizeram parte dessa história. Foram estes estudos que nortearam o trabalho da autora Marli Auras, a importância dessa articulação de organização do grupo que mesmo em minoria lutaram por quatro anos pelos seus ideais. Um povo que ao perder suas terras e sua própria identidade, não perdeu seus sonhos e, ao longo da caminhada e dos terríveis conflitos, foram se encontrando e se reinventando como pessoas pertencentes há um grupo e importantes para muitos de sua irmandade.

O historiador Paulo Pinheiro Machado, em seu livro *Lideranças do Contestado: A formação e a atuação das chefias caboclas* faz um estudo biográfico sobre Adeodato, um dos líderes dos caboclos na guerra do contestado. Neste estudo biográfico, que pode trazer elementos para explicar como tropeiros, errantes e peões ‘convertiam-se’ à ‘santa religião’ para se posicionarem do lado rebelde, o autor aponta como Adeodato, caboclo, homem de cor, domador de cavalos e tropeiro conseguiu tornar-se “comandante geral dos redutos, como enfrentou metade dos efetivos do exército brasileiro, reforçado pelas políticas militares do Paraná e de Santa Catarina, além dos milhares de vaqueanos colocados à disposição dos que defendiam a ‘ordem republicana’”<sup>2</sup>. Os estudos deste autor nos mostram a importância deste povo para a guerra, neste caso, falando mais especificamente de um homem, mas sempre retratando quem era este homem do contestado, que mesmo com muitas diversidades e dificuldades, uniu-se e formou a irmandade cabocla. Essa mesma irmandade que afirmou seu espaço em uma guerra, e em muitos dos conflitos foram vitoriosos, superando por muitas vezes as forças do exército brasileiro.

Todos esses estudos e apontamentos da autora Marli Auras e de outros pesquisadores como do historiador Paulo Pinheiro Machado acerca destes homens do contestado, nos levam a conhecer e entender um pouco mais sobre as histórias de vida deste povo sertanejo, reflexões importantes para ampliarmos nossos conhecimentos e as diferentes perspectivas da Guerra do Contestado.

No período de 1912 a 1916 nas terras contestadas, que compreendia o planalto catarinense e também o paranaense, começa a surgir um grande conflito social e político. Estava de um lado o poder público, as grandes empresas capitalistas americanas e os coronéis

---

2 MACHADO, Paulo P. *Lideranças do Contestado: A formação e a atuação das chefias caboclas* (1912-1916). Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p 294.



que ali viviam e eram os donos de grandes porções de terras - esse grupo foi denominado pelos caboclos por serem os ‘peludos’. Em contrapartida de outro lado estavam em grande desvantagem por estarem em menor número e não terem condições mínimas de sobrevivência, os ‘pelados’ - caboclos também denominados pelo próprio grupo. Estes em minoria travaram uma guerra sangrenta, mas ancorada e inspirada na santidade divina de homens.

A obra de Marli Auras nos traz claramente a vida miserável de sobrevivência dos caboclos e como eles se articularam nos sertões catarinenses e também paranaenses, para se defenderem e lutarem. Os caboclos nessa especificidade pedagógica da irmandade, construída e reconhecida nos seus movimentos rebeldes, que segundo a autora foi uma maneira encontrada por eles, de levantarem sua bandeira e lutarem por seus ‘direitos’, encontraram esperança nos discursos religiosos dos monges, que também ganharam muitos destaques e esclarecimentos em sua obra.

Dividido em três capítulos onde relata os principais acontecimentos históricos ao longo da guerra, o livro apresenta ainda em anexo uma documentação fotográfica - uma interessante e importante memória visual da guerra do contestado.

No primeiro Capítulo, intitulado *A desestruturação da ordem vigente pela presença do Grupo Farquhar*, a autora nos traz uma ambientação anterior à guerra, como por exemplo, a ocupação do planalto catarinense, seus moradores caboclos, trabalhadores, indígenas locais e coronéis abastados. Temos também uma contextualização acerca dos motivos que levaram a chamada guerra do ‘contestado’ o período em que existiu uma contestação territorial entre os estados de Santa Catarina e Paraná.

A peregrinação de monges por aqueles territórios, a força de sua representação sendo eles uma figura de autoridade e religiosidade muito bem quista para os moradores caboclos da região com suas curas benzedeiras, batismos, apadrinhamentos e palavras de fé e esperança de um catolicismo rústico e rudimentar. A ordem econômica, social e política vigente nessas regiões, a economia baseada na erva-mate e na criação de gado, são questões que aparecem igualmente neste capítulo. Segundo aponta ainda Auras, a composição social se dava entre os posseiros e trabalhadores caboclos, em grande maioria, e em menor número tinham os coronéis.

O poder político era representado pelo governo dos estados e sobre tudo da república, também pelos coronéis locais, que detinham um grande poderio naquelas regiões. A chegada de novas forças econômicas, políticas e sociais como exemplo, a ferrovia e a empresa



americana do grupo Farquhar: Lumber<sup>3</sup>, também são discutidas na obra. Era preciso para a expansão da economia a construção de uma ferrovia, uma estrada que ligasse o estado de São Paulo com os estados do sul do país, passando pelo Paraná, Santa Catarina e chegando ao estado do Rio Grande Do Sul. Em 1890 a obra foi iniciada com o projeto de 1.403 quilômetros de extensão, mas só foi concretizada boa parte dela e posteriormente finalizada com a chegada da empresa norte-americana, que investiu recursos nessa grande construção, o que lhes concedeu por parte do governo, grandes porções de terras nas áreas dos arredores da ferrovia, acarretando em um descontentamento por parte da população cabocla que viviam naquelas terras concedidas agora, ao grupo americano, fazendo parte da negociação do governo. Esses caboclos moradores das terras tiravam seu sustento da mesma, cultivando seus alimentos para sua própria subsistência. Essas expulsões foram iniciadas em 1911, marginalizando assim os caboclos que não tinham mais suas terras, suas moradias e seus mínimos vitais. Só lhes sobrando à esperança por dias melhores.

Em *A estruturação de uma nova ordem pelos conflitos “Peludos” versus “Pelados”*, temos a apresentação de toda a organização dos caboclos em meio às dificuldades encontradas, como eles que em minoria, começavam a se aglutinar ao lado do monge José Maria, que foi uma figura muito forte diante dos caboclos. Marli Auras nos mostra que essa aglomeração ao redor de José Maria, não agradou os coronéis das redondezas, com medo de uma suposta rebelião por parte dos ‘pelados’.

No decorrer dos fatos o livro relata toda a trajetória dos caboclos contando o primeiro confronto, que iniciou a guerra e que acarretou também na morte do monge José Maria. A partir dessa fatalidade, a autora nos conta como os caboclos que sobreviveram no conflito, fizeram deste acontecimento um fato milagroso, onde para eles o monge não teria morrido, mas sim estava vivo por vontade divina, e como logo neste período criou-se um imaginário religioso acerca dos conflitos e o quão necessário àquela guerra era para que a vontade de Deus fosse feita na terra. Cada vitória conquistada ao longo das disputas entre ‘pelados’ versus ‘peludos’ era a prova de que Deus estava ao lado deles. Esse primeiro confronto que deu início à guerra do Contestado ocorreu na cidade de Irani em Santa Catarina. A partir disso os caboclos começaram a criar os redutos que nada mais eram, que suas moradias, comunidades que foram sendo construídas para que eles pudessem conviver, facilitando na organização bélica. Os redutos também lhes traziam uma maior segurança, pois estavam

---

3 Grupo Farquhar Lumber empresa Norte-americana especializada em grandes empreendimentos.



aglomerados em um grande número de pessoas, com os mesmos ideais de lutas e de crenças, praticavam suas cerimônias religiosas e suas festividades. Auras nos traz ainda a estrutura que se estabelecia nesses redutos, seus modos de convívio, adotando uma característica de irmandade, e onde podemos ver claramente no livro os ideais e crenças destes homens e mulheres, que dividiam todos os seus alimentos, adotando todos que ao seu grupo viessem procurando por abrigo, comida, respaldo, uma representação política e de força.

No decorrer deste capítulo temos também com detalhes as respectivas batalhas, suas consequências para ambos os lados e as investidas por parte dos caboclos em roubar os arredores dos redutos. Os conflitos gerados por confrontos de coronéis e caboclos, para assegurar seus bens e suas próprias vidas e de suas famílias, para conter os saques em suas terras e frear o movimento rebelde dos caboclos, os coronéis amedrontados com a revolta dos caboclos, partiam para as batalhas juntamente com seus peões, travando confrontos armados.

Nos acontecimentos da guerra, temos a importante chegada do general Setembrino de Carvalho ao planalto contestado, com suas táticas de guerra cercando os redutos, fazendo com que os caboclos passassem fome e os isolando, eliminando qualquer tentativa de fuga de seus membros para roubos e saques. Esses acontecimentos que a autora abarca, foram de suma importância para que os conflitos se encaminhassem para um desfecho, não favorável ao grupo protestante dos caboclos, mas sim por parte do governo e seu exército, para dar um fim aquela guerra sangrenta que se alastrava pelo o estado de Santa Catarina e também em porções menores do Paraná.

No último capítulo *A articulação e o ocaso da visão de mundo da irmandade*, a autora trabalha com o desfecho da guerra, mas articulando com as especificidades do grupo caboclo que estavam sendo totalmente esmagados pelo exército da República. Essa especificidade que traz uma visão de mundo por parte dos caboclos, começa agora a se ruir, a desarticulação da irmandade, os redutos sendo cercados, os sertanejos não tinham mais outra saída, a não ser se entregar ao exército republicano, era isso ou era a morte. Com essa desarticulação da irmandade, todo aquele imaginário religioso e apocalíptico cai por terra, o motivo do qual os faziam manter-se unidos já não mais tinha sentido, pois eles foram vencidos na guerra. Esse capítulo nos traz essa reflexão sobre a visão de mundo dos caboclos, que primeiramente os impulsionou para a guerra, mas agora neste momento começa a se ruir e declinar.

Em sua conclusão da obra, Auras aborda o esgotamento do homem sertanejo na guerra e como sua irmandade cabocla era insuficientemente respaldada para assegurar seus direitos mediante as forças do capitalismo. Por mais que se articulassem na fé de um Exército



Encantado de São Sebastião, era praticamente impossível que aquele homem dos sertões analfabeto, às margens da sociedade pudesse lutar e reivindicar suas queixas. A autora faz ainda em sua conclusão um apontamento muito importante, onde ela percebe as raízes dessa guerra, como um problema social e não policial.

Este livro nos traz esclarecimentos e nos permitiu uma maior compreensão sobre a vida e a trajetória desses homens, mulheres e crianças, que por interesses econômicos e sociais, foram expulsos de suas terras pelas forças de uma nova ordem capitalista que começou a se formar naquela sociedade. Na obra, percebemos como foi importante à articulação dos caboclos e a criação da irmandade, as relações de fraternidade que foram estabelecidas por eles, uma luta que não foi apenas de um homem, mas sim de um povo, que se articulou à maneira encontrada por eles, e que numa teoria divina de 'Monarquia' suportaram a dor e travaram a guerra.

A autora nos leva a uma reflexão mais crítica dessa guerra e nos conduz por um caminho mais atento ao homem que protagonizou este marco histórico, o caboclo que por muitos anos foi visto e marcado por ser um sujeito sem moral, sem costumes, 'baderneiros'. Homens e mulheres revoltados e os causadores de uma guerra violenta. Precisamos refletir sobre esses julgamentos e rótulos, que ao longo da história foram sendo forjados e apresentados para contemplar uma guerra e a história de um país e seu exército.

*A Guerra Do Contestado- A organização da irmandade cabocla* é uma referência para quem quer se aprofundar nos estudos deste período belicista, sendo uma rica leitura para todos os que apreciam os livros, mas, sobretudo aos, que buscam entender e compreender suas histórias.

## Referências

AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: A organização da irmandade cabocla*. 5. Ed. Rev.- Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

MACHADO, Paulo P. *Lideranças do Contestado: A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

---

Recebido em 17 de julho de 2016



Aceito para a publicação em 26 de janeiro de 2017

